

COMÉRCIO EXTERIOR E REGIMES POLÍTICOS:
OLHANDO O BRASIL EM RELAÇÃO AO MUNDO

Por Rui Tavares Maluf*

Como o Brasil tem se saído no comércio exterior considerando seus parceiros e os regimes políticos praticados por tais nações¹? É o que procuro responder e discutir nesse artigo, o qual não se pretende exaustivo nos dados e nem conclusivo, mas sim abrangente a fim de oferecer ao público eventualmente interessado mais esclarecimentos que por ventura já possuam. Espero, também, que este artigo possa trazer elementos aos que acreditam que a democracia é o regime político a ser defendido e aprimorado quando já existente, a ser recuperado quando perdido ou obtido onde jamais materializado, independente das insatisfações que muitos de nós temos com seu desempenho (e de conflitos relacionados à própria atividade comercial)².

É tentador verificar a relação entre política e economia, assunto sempre difícil por envolver questões ideológicas e também pragmáticas. Independentemente dos momentos vividos pela humanidade em mais de um século, tal relação se tornou mais complexa e, apesar de todas as contradições e dificuldades observadas nas relações humanas, verificou-se a ampliação dos regimes democráticos entre as nações, mas, paradoxalmente (e em tempos mais recentes) intensifica-se a resistência aos mesmos (ou surge onde não existia) tanto no interior dos países democráticos quanto nos países que vivem sob regimes autocráticos. Tal reação se passa a partir da igual ampliação de direitos para diversos grupos anteriormente excluídos de suas sociedades, pela maior comunicação direta entre as pessoas, bem como pelo incremento dos fluxos migratórios que implicam não só na percepção de os cidadãos das nações que os recebem de que são concorrentes desleais no mercado de trabalho, mas também por trazerem valores culturais muitas vezes em conflito com os seus³.

Nesse artigo, apresento ao leitor esta relação a partir do comércio exterior, um dos tópicos da economia que mais coloca as nações frente uma as outras, tanto em termos bilaterais quanto em blocos. E do lado da política estabeleço tal relação com os regimes políticos vigentes, ou seja, com regimes democráticos e autocráticos. Porém, apesar de parecer ao leitor que me proponho a fazer uma análise do quadro mundial, o que me interessa primeiramente é enxergar o desempenho do Brasil em meio ao contexto internacional, mas delimitando-o em determinados critérios.

¹ -Advirto que estou me limitando ao comércio de mercadorias, não incluindo serviços, por razões metodológicas e de atualização de dados.

² -Aproveito o ensejo para explicar que optei por colocar poucas tabelas no corpo do texto, deixando a grande parte para os anexos de forma a não tornar a leitura muito cansativa. E todos os gráficos ficaram no final dos anexos. Mas entendo que vale a pena o leitor se dedicar um pouco as mesmas, pois estas tem um grande poder explicativo e sintetizam de forma mais clara os dados.

³ -Acrescente-se a tudo isso os grupos de pressão que operam junto às instituições públicas em defesa de seus interesses nem sempre legítimos sobre os quais temos informação dentre os que vivemos sob os regimes democráticos, ainda que não seja objeto da minha atenção nesse espaço.

Devo admitir ao leitor que os agentes econômicos têm como escopo principal a perspectiva de retorno para seus negócios, independentemente de sua inserção no setor da atividade econômica, sem conferir importância maior, ou mesmo desconsiderando, os regimes políticos vigentes de seus parceiros reais ou potenciais. Até mesmo analistas econômicos tendem a ignorar em suas análises e modelos a dimensão política, como se a economia operasse em um mundo desconectado de outros ambientes. Mas ainda que desejem desconsiderar tais questões, bem como os governos de seus países, várias questões que afetam as transações comerciais e se relacionam ao conteúdo dos bens transacionados, resvalam nos regimes políticos vigentes. É somente sob os regimes democráticos, é que os vários interesses, complementares ou em conflito, podem emergir com mais clareza e permitir no médio e longo prazo que o comércio internacional, como parte altamente relevante da economia, possa contribuir para o desenvolvimento dos países e não somente dos envolvidos diretamente nas transações comerciais. Os acontecimentos da política nacional e mundial, a partir de **2013** (no caso do Brasil) e **2014** e **2022** (com a invasão da *Ucrânia* pela *Rússia* precedida pela anexação da Crimeia), são indicadores importantes que a questão dos regimes políticos e da democracia adquirem centralidade para as perspectivas econômico comerciais⁴.

De onde retirei e como usei os dados para análise

Feito esta primeira introdução, esclareço que além de ter o Brasil como sujeito maior do meu interesse, eu limito a maior parte dos dados com os quais trabalho, independentemente das fontes empregadas, ao ano de **2022**⁵, o qual ainda se encontrava sob o impacto da pandemia da covid, embora quadro sanitário já fosse mais atenuado mundialmente e particularmente para o Brasil uma vez que a vacinação havia sido aplicada em escala massiva em várias nações. Todavia, a *China* encontrava-se no contrafluxo e tomava medidas de contenção à pandemia tidas como das mais severas que foram adotadas entre os países e afetava, assim, a economia doméstica e mundial por estar na condição de maior população mundial⁶ e maior ator no comércio internacional. Tal enquadramento valerá tanto para os dados oficiais do comércio exterior do Brasil, quanto da *Organização Mundial do Comércio (OMC)*.

⁴ -Em artigo recente Lourdes Sola e Eduardo Viola criticam o excessivo peso dado pelos analistas brasileiros da política externa à abordagem neorealista no âmbito das relações internacionais (Vide “*Fundamental Convergência com as Democracias*” em OESP, 27.05.23, A-2). Embora o artigo dos dois cientistas sociais esteja voltado para as relações internacionais e os regimes políticos, creio que a interpretação deles é complementar à minha, segundo a qual “os interesses dos Estados variam segundo os regimes políticos e os governos, e segundo as transformações da economia política mundial”.

⁵ - Mas também a 2021 e recuando a 2016 como se verá mais à frente seja para identificar grupos de mercadorias e outros anos, como para verificar o desempenho do Brasil no contexto internacional. Porém, 2022 é o norte do trabalho.

⁶ - Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a Índia teria ultrapassado a população da China provavelmente no mês de abril de 2023. No entanto, os dados populacionais que aqui utilizo para os países ainda se referem ao ano de 2021.

Organizações que escolhi para tratar a democracia

Para tratar dos regimes políticos eu me debrucei sobre métricas produzidas por **quatro** diferentes organizações internacionais e trabalhando igualmente com dados de **2022**, a despeito destas investigarem número diferente de países e regiões autônomas⁷. Das quatro, dei preferência a uma destas, a **V-DEM**, por estar mais diretamente avaliando os regimes políticos, e tendo as demais como elementos de comparação e, sobretudo, controle, conquanto esteja convencido que todas oferecem solidez para a compreensão dos regimes políticos.

A organização **V-DEM**, fundada em 2014 e baseada na *Noruega*, é voltada explicitamente para os regimes políticos e para a defesa da democracia. A **FREEDOM HOUSE**, a mais antiga das quatro (1941) e localizada nos *EUA*, é orientada para as liberdades civis e políticas, assunto este integralmente relacionado aos regimes democráticos conquanto não seja exatamente igual. Por sua vez a **WORLD JUSTICE PROJECT (WJP)**, mais recente (2006) e também situada nos *EUA*, como seu nome diz se volta para a aplicação da justiça, e seu rigor para verificar tal desempenho mediante o uso de critérios tão rigorosos faz com que seu objeto de atenção esteja intrinsecamente relacionado aos regimes políticos. Mas a WJP é a que mediu o menor número de países e/ou regiões autônomas (**140**). Finalmente, a **TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL (TI)** (1993), sediada na *Alemanha* e com escritórios no *Brasil* inclusive, se ocupa da corrupção nos governos e no setor privado a este ligado. E como o próprio nome afirma tem-se por pressuposto de sua atuação a busca por instituições públicas responsáveis e operando no limite das leis e das constituições. Ou seja, a atuação das quatro organizações tem a ver com regimes políticos e, conseqüentemente, com a democracia.

Vale recordar o leitor que sob o ponto de vista da democracia brasileira, o ano de 2022 foi decisivo para sua incolumidade devido a clara e aberta atuação de agressão do então presidente Jair Bolsonaro ao longo de seu mandato (**2019-2022**) e tendo como corolário ao final sua tentativa frustrada de reeleição. A derrota para o ex-presidente Lula, ainda que por pequena margem de votos e no segundo turno, arquivou tal risco ao menos provisoriamente, mas muito provavelmente influenciou nas avaliações sobre o País.

Se o recorte desse artigo em apenas um ano (**2022**) tem a limitação de não explorar as tendências (o movimento) ao longo do tempo, oferece mais segurança ao elevado número de aspectos aqui abrangidos os quais recrutaram mais de uma fonte de dados, e atende bem ao propósito do presente artigo.

⁷ - Tal diferença se explica basicamente pelas regiões autônomas, mas também por certas escolhas feitas em função de condições de pesquisa. Os números variam de **140** a **204**, porém **100** países independentes já seriam integralmente suficientes para o que me proponho.

O Brasil no comércio internacional

Antes de ingressar no comércio internacional do Brasil, procuro enxergá-lo em comparação aos demais países recorrendo às estatísticas da *Organização Mundial do Comércio (OMC)* e tratando mais das exportações. Por este critério, o Brasil ficou na **24^a** posição dentre **220** países e territórios autônomos com participação relativa de **1,34%** no total exportado mundialmente⁸. Os especialistas afirmam usualmente que tal participação é pequena não só para o ano em questão, conquanto este tenha sido o de melhor desempenho do País no total desde o ano de **2016**, ou seja, comparando com seis anos. Ao verificar o desempenho dos demais países que juntamente com Brasil e China participam do *BRICS*, só ficou à frente da *África do Sul*, que teve participação de **0,49%**, e ficando na **37^a** posição⁹ (*ver anexos 6.2 e 6.3*). Portanto, nesse caso específico, a pandemia não teve relação direta com o resultado. De qualquer forma, a *China* e os *EUA*, como os dois principais países pela ordem de apresentação, participaram com **14,4%** e **8,3%**¹⁰ cada, o que significa que mesmos gigantes econômicos e do comércio mundial não chegam a **15%** e a **9%**. E a Alemanha, outra potência econômica e terceira colocada teve participação de **6,7%**. As duas principais nações tiveram participação relativamente menor do que o ano de 2021, e oscilante entre os anos de 2016 e 2020. No caso delas, portanto, é mais factível considerar que a covid tenha reduzido o peso relativo, embora de forma marginal. Portanto, as três nações juntas abocanharam **29,4%** dos valores de tudo o que foi exportado no mundo¹¹. Considerando as três juntas, sim, há que se reconhecer um grau de concentração expressivo.

E para o que abordarei à frente sobre o regime democrático não é demais lembrar que a China¹² é um país de regime político totalitário e os EUA uma democracia ininterrupta desde sua independência em 1776.

Em dólar per capita

Mas, por enquanto, ainda me mantenho nos dados do comércio exterior considerando o tamanho da população de cada país, o que significa um indicador de **US\$** (dólar) per capita. Ou seja, o dólar é o dividendo (*número a ser dividido*) e a população é o divisor (*número que divide*). E antes de qualquer exame dos dados não é demais destacar que

⁸ - Em relação às importações, o Brasil participou com **1,14%** do total de 2022, ficando na **26^a** posição.

⁹ - E nas importações, o Brasil ficou na dianteira de *África do Sul* (**0,94%**) e *Rússia* (**0,53%**), que ficaram respectivamente nas **27^a** e **36^a** posições.

¹⁰ Quanto às importações das duas maiores nações, as posições são inversas. Em **2022**, o **EUA** ficou em primeiro lugar com **13,2%** e China com **10,6%** de tudo que se comprou no mundo.

¹¹ - Nas importações, estas três nações juntas responderam por porcentagem praticamente igual às exportações, isto é, **29,9%**.

¹² - Após a morte de Mao Tse Tung e (1976) a ascensão de Xi Jinping (2013) a China viveu sob um regime autoritário com oscilações, mas não totalitarismo. Na atualidade, a China merece mais ser definida como *neototalitarismo* porque o avanço científico, econômico e tecnológico e as estratificações na sociedade, não permitem a este totalitarismo ser igual ao da era Mao.

países com populações diminutas, mas nem tanto, tendem a se sair melhor nesse quesito. Ainda assim, esta é uma tendência que não se consolida para alguns, mas oferecerá um cenário bem diferente.

E dai o jogo é outro

Ou seja, quando a população do país entra na produção do indicador, o resultado se torna bem diferente. Os “*gigantes*”, se assim posso dizer, serão outros. Se a China, EUA e Alemanha, são os **três** maiores exportadores mundiais em números absolutos (exportações acima de US\$ 1 trilhão em 2022), passam apenas à condição de **82º**, **53º** e **26º** respectivamente. O *Brasil* que ocupava a **24ª** passa para a **94ª** posição. Na América do Sul só ficará à frente do *Paraguai* (**95º**), *Bolívia* (**99º**), *Colômbia* (**104º**) e *Venezuela* (**105º**).

Por este critério, os **três** primeiros colocados no mundo são: **1) Catar**, **2) Singapura** e **3) Emirados Árabes Unidos** (EAU). Note o leitor que os três são países asiáticos e dois destes do Oriente Médio e Península Arábica. Em termos *absolutos* EAU (**10º**) e Singapura (**15º**) estão bem colocados, o que não é exatamente o caso do *Catar* (**36º**). No entanto, o *Catar* é quase integralmente dependente das receitas provenientes do petróleo (**87,2%** do total em **2021**¹³). O caso é bem diferente para *Singapura* que tem suas exportações decorrentes em larga maioria dos bens industriais (**75,5%**). O EAU, por sua vez, ainda que um país produtor de petróleo como o *Catar*, obtém parcela menor desse bem (**54,8%**), conquanto seja a maioria absoluta de sua receita de exportação. De qualquer forma, os bens industriais já representam para este país **33,5%** das receitas.

Ao examinar brevemente a importância desses **três** países para as exportações do *Brasil*, verifico mudanças significativas tanto em termos absolutos quanto proporcionais (US\$ per capita) tanto para melhor quanto para pior, à exceção de *Singapura* no US\$ per capita que se mantém como **segundo** colocado (*vide tabela 1 a seguir*)¹⁴.

Todavia, se estas nações aparecem bem e muito bem no quesito per capita, o quadro se torna sombrio no tocante aos indicadores políticos. Ou melhor, seguramente sombrios para *Catar* e EAU e um pouco menos (com alguma penetração do sol), para *Singapura*. Como já havia escrito atrás tratarei mais à frente dos regimes políticos.

¹³ -No caso da classificação das mercadorias, utilizo sempre o ano de 2021, pois a OMC ainda não havia divulgado os dados discriminados das receitas de 2022 até o momento em que este artigo era produzido em junho de 2023.

¹⁴ - Ainda assim, nos valores absolutos, apenas o Catar fica bem abaixo da média das exportações brasileiras (US\$ 411.241.720 contra média de US\$ 1.815.587.178). Nos valores per capita os três se saem muito acima da média (US\$ 95,8).

Tabela 1				
<i>Ranking de Catar, Singapura e EAU nas Exportações Mundiais e para as Exportações do Brasil, considerando as posições em valores absolutos e per capita em US\$</i>				
(Ano de 2022)				
PAÍS	NO RANKING DO COMÉRCIO MUNDIAL		NO RANKING DO COMÉRCIO DO BRASIL	
	US\$ ABSOLUTO	US\$ PER CAPITA	US\$ ABSOLUTO	US\$ PER CAPITA
Catar	36	1	62	25
Singapura	15	2	7	2
EAU	10	3	27	15

Fontes: OMC e Estatísticas do Comércio Exterior do Brasil, dados organizados pelo autor

Os Parceiros do Brasil

Depois de oferecer breve panorama sobre o Brasil no contexto internacional via exportações, passo a olhar agora o Brasil em relação aos seus parceiros comerciais e saberemos, entre outras coisas, em que medida estes estão mais ou menos alinhados ao quadro internacional¹⁵.

Tratarei, portanto, de algo mais amplo, ou seja, corrente de comércio (exportações mais importações) como das exportações e importações isoladamente. Nos três campos observados, os principais parceiros do Brasil no ano em questão (como quase todos os anos) foram China, EUA e Argentina, embora com participações de tamanhos muito diferentes em valores monetários (US\$ FOB) ou físico entre si (peso em quilogramas). Assim, no plano do comércio brasileiro verifica-se que a fatia dos mesmos é muito distinta da que cada um obtém no comércio internacional total como mostrei anteriormente no tocante às exportações. Esclareço minha afirmação: nas exportações mundiais a China obteve fatia de **14,4%**. Já para as exportações do Brasil, a China representou **24,8%** das mesmas. Os EUA que obtiveram **8,3%** representaram para nós **14,6%** e a Alemanha é substituída pela Argentina. Se para o mundo a Alemanha representou a terceira posição (**6,7%**) e a Argentina¹⁶ a **42ª (0,36%)**, para nós a Alemanha ficou com a **11ª** posição em relevância e somente **1,9%** de participação enquanto nosso vizinho representou **4,6%**.

Certamente a comparação que fiz pode sofrer reparo metodológico em termos estritos porque estou comparando coisas desiguais, mas não é totalmente impecável porque abordo o comércio exterior e as exportações de cada país que obedecem a critérios padronizados internacionalmente. Isso permite ao leitor obter uma visão de alinhamento e grandeza.

¹⁵ Isso quer dizer que passarei a me valer das estatísticas de comércio exterior do Brasil extraídas do setor de estatísticas do próprio governo brasileiro para o ano de 2022 (vide fontes de informação e outras referências).

¹⁶ - Há que se ter em conta o fato de a *Argentina* integrar o Mercosul e isso a coloca em uma situação potencialmente melhor que a *Alemanha*.

Ampliando um pouco os parceiros

Até agora apresentei os parceiros do Brasil segundo os três primeiros lugares obtidos e as posições que passaram a ter quando o critério foi alterado. Agora, amplio a atenção para os dez principais parceiros por cada um dos três campos e também focarei nos países da América do Sul. Tudo isso começando por posições a partir dos valores absolutos, embora apresentando seus percentuais.

Nos três campos observados separadamente, os **dez** países respondem por mais de **60%** de tudo o que o *Brasil* comercializou no referido ano. A maioria das nações que aparece nas três primeiras posições é a mesma (*China*, *EUA* e *Argentina*), quadro este que sofre alguma mudança a partir da **quarta** posição. Os *Países Baixos* (Holanda), por exemplo, se tornam o **quarto** colocados para quem o Brasil mais vendeu, ficando de fora desse grupo no tocante as importações e obtendo a **sexta** posição na corrente de comércio. Assim, **15** países no total aparecem ao menos em um dos três campos observados. A *Espanha*, por sua vez, é a **quinta** para quem o Brasil mais vendeu, não se colocando entre as **dez** primeiras nas importações e se situando na **oitava** da corrente de comércio.

Olhando para a América do Sul

Passo agora para a América do Sul por mais de uma razão, embora **três** dessas já seriam mais do que suficientes: **1)** o Brasil faz fronteira terrestre com nove de onze destes (exceção de *Chile* e *Equador*), estando todos no mesmo continente; **2)** a existência do *Mercado Comum do Sul* (**Mercosul**) desde sua fundação em 1991; e, **3)** o discurso em prol da integração política e econômica acompanhado da tentativa de formação de uma entidade comum consubstanciada na criação da *União das Nações Sul Americanas* (**Unasul**).

Como eu já havia apontado anteriormente, dois países sul americanos, *Argentina* e *Chile*, estão entre os **dez** primeiros colocados nos três campos (exportação, importação e corrente de comércio), sendo que a *Argentina* está em todos como **primeira** colocada e bem distante do **segundo**, o que seria mesmo esperado por sua condição de sócia do **Mercosul** e por dispor de economia relevante, a despeito de todos os descaminhos vividos há muito tempo. Mas o *Chile*, país que não faz parte do bloco¹⁷, também aparece na lista se constituindo no **sexto** mais importante nas exportações brasileiras e o **sétimo** na corrente de comércio. Sublinho por ora que o *Chile* é um país com mais estabilidade política que a *Argentina*, a despeito de todas as crises sociais com reflexos na política que tem experimentado na última década. Voltarei a tratar disso à frente.

¹⁷ - O Chile, ao lado de Colômbia, Peru e México formam a *Aliança do Pacífico*, oficializada em abril de 2011, e, atualmente vivendo um conflito devido ao presidente do *México* acusar a presidente **Dina Boluarte** (*Perú*) de participar de golpe de estado contra o ex-presidente **José Pedro Castillo Terrones**. Os fatos indicam o contrário, isto é, que Pedro Castillo tentou desferir golpe de estado que foi frustrado ao final de 2022, sendo destituído por decisão do Congresso Nacional no dia 7 de dezembro do mesmo ano com base na constituição peruana.

Sendo assim, é conveniente acompanhar quais são os países para os quais as nações sul americanas mais comercializam, ao menos as **três** principais¹⁸. Apesar da primazia que a China assumiu no mundo e na região, tornando-se **primeiro** destino e origem do comércio exterior, nem sempre foi assim que se passou, ao menos em 2021, quando o governo **Xi Jin Ping** ainda celebrava seu método de enfrentamento da pandemia da covid, o qual considerava superior aos demais. Dos **12** países da América do Sul, **oito** tiveram a *China* como um de seus principais destinos de mercadorias e **onze** de origem das mesmas, mas nem sempre como a primeira nação. Porém, a China só foi o **primeiro** destino das exportações dos sul americanas para **quatro** nações, embora tenha sido a **primeira** nas importações para **oito** destas. Já o EUA também esteve presente como um dos **três** mais importantes nas exportações das nações do continente para oito nações e em igual número de importações. Nas exportações, o EUA também foi o **primeiro** destino para **quatro** países, mas em apenas dois casos nas importações.

A grande ironia, é que o *EUA* foi o principal destino e origem do comércio exterior da *Venezuela*, ainda que este país de regime autoritário, e autoproclamado bolivariano do socialismo do século XXI, tenha sofrido sanções econômicas dos norte-americanos. O curioso em relação à *Venezuela*, é que esta situação levou a que nenhuma das principais exportações tenha alcançado **um** por cento. Em uma interpretação apressada e, certamente, equivocada, o regime poderia argumentar que deteria um intenso comércio internacional e bem equilibrado com praticamente todas as nações de sorte a não depender de qualquer uma em particular. Mais próximo da realidade é o fato da *Venezuela* dispor de pouco capital diplomático¹⁹, econômico e político para que possa ser parceiro comercial confiável.

E o comércio entre as nações da própria América do Sul?

Tendo acabado de dar o exemplo da *Venezuela*, há o leitor de ter presente que é diferente uma nação fazer comércio internacional com elevado número de nações de forma pulverizada do que ter um determinado número como sendo as principais. Qualquer um poderia objetar quanto a considerar somente as **três** primeiras como sendo principais, tendo em vista o elevado número de países e regiões autônomas. Sou e seria obrigado a aceitar parcialmente a ressalva, mas para o propósito desse artigo creio que tal recurso dá sustentação, pois na maior parte dos casos as **três** principais nações parceiras juntas tendem a concentrar ao menos **30%** do comércio internacional de um país.

¹⁸ -Para dar esse exemplo, volto novamente a me valer dos dados da OMC, mas particularmente os relativos ao perfil econômico e comercial dos países. Dessa forma os dados estão atualizados apenas até **2021**.

¹⁹ -Seguramente a diplomacia é parte inseparável da política de estado e esta não se faz sem a direção do governo do momento. Não obstante, a diplomacia conta com um *modus operandi* próprio que merece ser tratada à parte.

Assim, o que se tem é com o critério de mais importantes é das **12** nações do continente, *Argentina, Brasil, Chile e Colômbia* (pela ordem alfabética) é que estão entre **uma** das **três** mais relevantes para os vizinhos seja nas exportações como nas importações (*vide anexo 5.1*). E efetivamente Brasil e Argentina são as que concentram tal condição, pois Chile e Colômbia só estão uma vez nessa condição, sendo que o Chile só aparece uma vez para as exportações enquanto a Colômbia em uma e outra.

Ainda assim, posso dar o exemplo da *Argentina* devido a maior facilidade de acesso aos dados nas instituições do próprio país²⁰. Em **2022**, de **90** países informados, na América do Sul a Guiana e o Suriname não aparecem nessa lista seja das exportações quanto das importações. E dos outros nove do continente todos somados representaram **29,3%** das exportações argentinas e 28,6% das importações. Todavia, somente o Brasil representou **14,3%** das exportações e **19,6%** das importações. No entanto, quando se amplia de três mais importantes para dez no comércio exterior aparecerão Brasil (**1º**) e Perú (**8º**) nas exportações e Brasil (**2º**), Bolívia (**5º**) e Paraguai (**6º**) nas importações.

Brasil: país dos bens primários?

No comércio internacional, particularmente nas exportações, o Brasil é conhecido como grande exportador de bens primários, os quais se constituem nas mercadorias de menor valor agregado, provenientes do setor agropecuário e extrativista. Grande parte destes produtos chega aos países de economias mais avançadas para serem transformados e revendidos para o próprio *Brasil*, entre outros, tornando-se um importador de mercadorias de maior valor. Assim, o País perderia muito. Mas por outro lado, não é menos importante ter presente que o setor do agronegócio, que não deixa de ser inserido neste critério, tem se tornado um dos mais avançados do mundo graças ao avanço tecnológico e de métodos de trabalho que são empregados.

Em relação aos produtos agrícolas, estes representaram em 2021, **39,6%** do total de valores exportados pelo *Brasil*, enquanto a *China* exportou somente **2,6%** e os *EUA* **11,5%**. Caso o critério bens primários estivesse limitado a este setor, o *Brasil* seria claramente um exportador de bens primários. Quanto ao setor de combustíveis, este amalhou **13,7%** de tudo que o *Brasil* exportou no mesmo ano, **1,2%** do que a *China* vendeu e também **13,7%** do que os *EUA* exportou. Já no setor de ferro e aço, o *Brasil* obteve **5,2%** do valor de suas exportações com as respectivas mercadorias, enquanto a *China* **9,9%** e os *EUA* somente **0,9%**.

Voltando-me para as manufaturas, este setor (ferro e aço) representou **25%** das exportações brasileiras em 2022 e **75,9%** das importações, **93,7%** das exportações da *China* (porém **58,1%** de suas importações) e **61,5%** do que o *EUA* comercializou (mas 76,9% do que comprou de fora). Portanto, ao comparar o *Brasil* com as duas principais economias exportadoras do mundo, a afirmação é parcialmente sustentável de que suas

²⁰ - A fonte dos dados que me valho é o Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC).

vendas externas recaem em grande parte no setor agrícola, e, portanto, de bens primários. Todavia, não é nada desprezível a participação do setor industrial, embora muito pequeno ao ser comparado com os outros dois. De qualquer forma, a maior parte do que *China* e *EUA* adquirem também vem do setor de manufaturas, o que é um sinal, conquanto modesto, de que as duas nações se encontram igualmente abertas ao comércio internacional nos campos em que mais produzem, e isso não é necessariamente um sinal de fragilidade desses países.

E os regimes políticos com tudo isso?

Como eu havia afirmado no início do artigo, recorro a **quatro** organizações internacionais, embora seja **uma** dessas em particular a que trata diretamente de regimes políticos e outra muito próxima da primeira. Apresentarei os dados de cada uma, mas adianto que o *Brasil* tem sua nota acima da média global em apenas **uma** dessas (*Freedom House*) e em **duas** da América do Sul (*V-DEM* e *Freedom House*) (veja a *tabela 2 mais à frente*). Primeiramente vejamos a situação do *Brasil* em cada um dos relatórios anuais dessas organizações os quais se referem a **2022**. Reforço o que havia mencionado antes; por se tratar de relatório de frequência anual, há algumas mudanças de pontuações e de posições, conquanto afirmo que para a maior parte dos países tais mudanças não são gerais, nem frequentes, e tampouco significativas.

Nos critérios da **V-DEM**, o *Brasil* foi classificado como *democracia eleitoral*²¹ com nota de **0,53** em uma escala que vai de **zero** (*pior*) a **1** (*melhor*)²² que a mediu em **202** países e regiões, embora eu tenha me limitado a **172**. Portanto, o regime democrático brasileiro encontrava-se em situação pouco mais do que razoável, só tendo sua avaliação melhorado ligeiramente graças ao resultado das eleições gerais de 2022. Por outro lado, nem mesmo a *Dinamarca*, a primeiríssima colocada, obteve a maior nota possível e sim **0,89** devido ao rigor dos critérios adotados. Ou seja, quando se compara àqueles que estão à frente, o valor não seria apenas razoável, mas quase bom. Na América do Sul, o *Brasil* fica atrás de **cinco** países pela ordem, a saber: *Chile* (**0,76**), *Uruguai* (**0,72**), *Suriname* (**0,65**), *Argentina* (**0,64**) e *Colômbia* (**0,55**).

Recorrendo à *Freedom House*, o *Brasil* obteve **72** em uma escala de **zero** (*pior*) a **100** (*melhor*). Nesse caso, três países obtiveram a nota máxima de **100** (*Finlândia*, *Noruega* e *Suécia*), todos do norte da Europa, sendo os segundo e terceiro da chamada Escandinávia. Nesse caso, o *Brasil* está em uma situação melhor e acompanhado na mesma pontuação de *Botsuana* e *Timor Leste*. Todavia, quando se arrolam os países

²¹ O índice V-DEM define quatro tipos de regime: **1**) democracia liberal (o mais avançado); **2**) democracia eleitoral (o regime é democrático, mas em um nível inferior); **3**) autocracia eleitoral (o regime é autoritário, mas não completamente e se vale da manutenção das eleições como meio de se legitimar, embora sem chances igualitárias para as organizações da oposição) e **4**) autocracia fechada (o regime é integralmente autoritário podendo ou não haver eleições, mas quando há sem qualquer credibilidade). Assim, o *índice de democracia liberal* (LDI) é composto a partir de **cinco** índices critérios (*eleitoral*, *liberal*, *igualitário*, *participativo* e *deliberativo*).

²² - Na tabela do **anexo 7**, eu multipliquei por **100** a pontuação dos países da V-DEM para efeito de comparação com a pontuação da *Freedom House*. Tal procedimento deixa mais claro sem qualquer prejuízo metodológico.

com nota acima de 72, há nada menos que **75** países. E na *América do Sul*, também fica atrás de **cinco** países como na V-DEM, embora com ligeira mudança de protagonistas. Acompanhe: *Uruguai (96)*, *Chile (94)*, *Argentina (85)*, *Suriname (79)*, e *Guiana (73)*. Os seis que ficam atrás do Brasil são *Equador*, *Colômbia* e *Peru* (todos com **70**), *Bolívia (66)*, *Paraguai (65)* e por último, *Venezuela (15)*. Se há algum conforto para o Brasil é que na vizinhança as notas obtidas por *Uruguai* e *Chile* os colocam à frente de muitos países do mundo que gozam das mais amplas liberdades e se constituem nas principais democracias. A *Venezuela*, por seu turno, não surpreende por se tratar de regime autoritário estando acompanhada de **26** países tendo como linha de corte sua pontuação para baixo. Mas se sai menos mal do que a poderosa *China (9)*.

Em relação ao *Projeto Mundial de Justiça (WJP)*, o qual monitora as condições da aplicação do estado de direito e da justiça em **140** países, o Brasil *obteve 0,49* no ano de **2022** em uma escala também de **zero (pior)** a **1 (melhor)** estando acompanhado de nove nações. Nesse rol, como nação do continente também se encontra o *Peru*. A *Dinamarca*, mais uma vez, foi o país a obter a primeira colocação isolada dos demais com a nota **0,90**. Mesmo assim, nenhuma nação alcançou a nota máxima, pois a WJP tem critérios tão rigorosos quanto a V-DEM.

E também mais uma vez, os países que estão isolados cada um nas posições logo abaixo são *Noruega (0,89)*, *Finlândia (0,87)*, e *Suécia (0,86)*. E indicando ao *Brasil*²³ que seu desafio é realmente grande caso deseje se colocar melhor, nada menos que **77** países estão à frente da sua nota. Na América do Sul, **cinco** países ficaram à frente do Brasil, assemelhando-se a da *Freedom House*, mas com posições trocadas. São: *Uruguai (0,71)*, *Chile (0,66)*, *Argentina (0,55)*, *Guiana* e *Suriname (0,50* cada um). Ficam atrás *Colômbia* e *Equador (0,48* cada um), *Paraguai (0,47)*, *Bolívia (0,38)* e muito distante a *Venezuela (0,26)*.

Finalmente é a vez da *Transparência Internacional (TI)* com notas de **zero (pior)** a **100 (mais alta)** e o resultado para o Brasil não é nada bom; **38**, estando perfilado com *Argentina*, *Etiópia*, *Marrocos* e *Tanzânia*, ou seja, com sua parceira no Mercosul e com três nações da África. Com tal pontuação, o resultado é abaixo da média (43) dentre 172 nações. Desse modo, à frente desse grupo encontram-se **85** nações. Verificando o desempenho dos demais países da América do Sul, tem-se que uma vez mais *Uruguai (74)* e *Chile (67)* são os que melhor se saíram, abrindo significativa distância para os demais.

Novamente a *Dinamarca* está na primeira colocação, ou seja, onde o Índice de Percepção da Corrupção (IPC) é o menor tendo obtido a nota de 90 e sendo seguida de perto pela *Noruega (89)*, *Finlândia (87)* e *Suécia (86)*, países com os quais tem dividido as melhores colocações nesses e em outros indicadores aqui não trabalhados.

²³ - Foi a nota mais baixa obtida pelo Brasil por esta organização considerando cinco anos isoladamente entre **2014** e **2021**.

Tabela 2

Crítérios, Indicadores e Notas comparativas com o Brasil das quatro organizações internacionais direta ou indiretamente relacionadas às métricas relacionadas à Democracia

(Ano de 2022)

ORGANIZAÇÃO	1º colocado	Nota do 1º colocado	Média Global	1º colocado na América do Sul	Nota do 1º colocado na América do Sul	Média América do Sul	Brasil
V-DEM	Dinamarca	0,89	0,39	Chile	0,76	0,52	0,53
WJP		0,90	0,55	Uruguai	0,71	0,50	0,49
FREEDOM HOUSE	Finlândia, Noruega, Suécia	100	56		96	71	72
TRANSPARENCIA INTERNACIONAL	Dinamarca	90	43		74	40	38

O Brasil e seus parceiros segundo os regimes políticos vigentes

Do lugar ocupado pelo *Brasil* no mundo e no continente, passo agora para a relação comercial do Brasil com seus parceiros. Assim, a corrente de comércio per capita²⁴ (US\$) do Brasil e o regime político dos países com os quais comercializou indica fraca para moderada correlação positiva entre um e outro (**0,306**²⁵) ao se buscar uma associação simples entre a pontuação obtida na métrica da **V-DEM** e os valores em dólares, sugerindo, de forma tímida, que poderia haver uma associação entre ambas. Ou seja, quanto maior o valor comercializado, mais forte seria a tendência para a democracia dos países em questão. Todavia, não será exatamente aí que a tal associação se fará sentir, mas sim ao se cruzar os valores comercializados com a classificação do regime político destas nações.

Tomando como critério a classificação dos regimes políticos e observando os valores praticados na corrente de comércio do Brasil, bem como o número de países inseridos em cada classificação, como também o percentual dos valores praticados em cada regime político e, por último a média em dólares, fica claro o maior peso das duas extremidades (*Autocracias Fechadas* – **AFs**, e *Democracias Liberais* - **DLs**) com a prevalência das **DLs**, tal como se pode constatar na tabela a seguir.

Seguramente, o desempenho do comércio com os países da chamada **AF** deveu-se em grande parte à *China*, que não só é assim classificada como na pontuação geral dos regimes políticos (de zero a 1) recebeu uma das piores notas (**0,04**) perfilando-se com *Arábia Saudita* e *Turcomenistão*. Apesar de tudo, é interessante reconhecer que as **DLs** se impuseram e se o percentual é somado ao das *Democracias Eleitorais* (**DEs**) (na qual se encontra o *Brasil*), tal maioria se torna absoluta (**56,03%**) (*vide a tabela 3*).

²⁴ - Considerando a população estimada em 2021 de cada país parceiro do Brasil.

²⁵ - Destacando que o valor máximo possível seria 1 (positivo) ou -1 (negativo). No caso negativo a associação se daria em contrário; uma variável tende a aumentar e a outra a diminuir.

Tabela 3

Corrente de Comércio do Brasil em 2022 em US\$, segundo os países e regiões com os quais exportou e importou, considerando os quatro tipos de regimes políticos estipulados pela organização V-DEM, incluindo o percentual dos valores pelo total bem assim a média de dólares por país

REGIME	US\$	PAÍSES	US\$ EM %	US\$ POR PAÍS
Autocracia Fechada	194.211.211.557	30	32,2	6.473.707.052
Autocracia Eleitoral	69.226.038.376	54	11,5	1.281.963.674
Democracia Eleitoral	101.044.271.635	56	16,7	1.804.361.993
Democracia Liberal	239.116.393.839	32	39,6	7.472.387.307
TOTAL	603.597.915.407	172	100	3.509.290.206

Observação: 10 pequenos países não foram classificados pela organização, os quais reúnem população total de 1.732.055. Foram estes: Andorra, Antígua e Barbuda, Bahamas, Belize, Brunei, Dominica, Granada, Lichenstein, Monaco e San Marino. De minha parte exclui Palestina, e a região de Hong Kong.

A distribuição dos valores segundo as classificações acima apresentadas obtém uma visão mais contundente quando recorro ao critério adotado pela **Freedom House** que enquadra os regimes em apenas três classes, a saber: **1) Livre; 2) Parcialmente Livre; e 3) Sem Liberdade.**

Nesse caso, como se pode constatar na tabela seguinte, os países enquadrados como Livre (com pontuação observada de **66 a 100**) se constituem na maioria absoluta de **50,45% (72** no total). E tal superioridade se constata tanto nos valores agregados quanto nos valores por país.

Tabela 4

Corrente de Comércio do Brasil com os demais países em 2022 em US\$ segundo os países e regiões com os quais exportou e importou, considerando os três tipos de regimes políticos estipulados pela organização FREEDOM HOUSE, incluindo o percentual dos valores pelo total bem assim a média de dólares por país

REGIME	US\$	PAÍSES	US\$ EM %	US\$ POR PAÍS
Sem Liberdade	217.337.968.648	57	35,97	3.812.946.818
Parcialmente Livre	82.025.527.413	53	13,58	1.547.651.461
Livre	304.800.086.232	72	50,45	4.233.334.531
TOTAL	604.163.582.293	182	100	3.319.580.122

V-DEM e Freedom House: dá liga entre os dois?

Ao buscar uma comparação entre a **V-DEM** e **Freedom House** há que se levar em conta de início que se os propósitos são muito parecidos não são exatamente iguais, conquanto o número de países e regiões avaliados sejam quase todos os mesmos. Como também já havia escrito, a V-DEM classifica os regimes em quatro enquanto a Freedom House o faz em três.

Porém, em uma primeira aproximação, posso afirmar que a congruência é elevada nas extremidades da V-DEM (*Autocracia Fechada* – **AF** e *Democracia Liberal* – **DL**) e da Freedom House (*Sem Liberdade* – **SL** e *Livre* - **L**). Em praticamente todos os países em comuns que foram analisados por ambas as instituições é isso o que se passa, havendo apenas **duas** exceções com o *Marrocos* e o *Kwait*²⁶ que são enquadrados como **AF** e também *Parcialmente Livre* (**PL**). Todavia, o mesmo não se verifica entre os países que são classificados pela V-DEM como *Autocracia Eleitoral* (**AE**) (um total de **54**), mas que o são pela *Freedom House* também nas **duas** classificações encontradas na correspondência com a **AF**, ou seja, nações enquadradas como **SL** (**28**) e **PL** (**26**).

Intuitivamente, sem examinar os próximos dados, alguém poderia imaginar que a correspondência seria integralmente com a de *Parcialmente Livre* (**PL**). Afinal, se um país realiza eleições alguma liberdade haverá de existir. Porém, as condições em que as eleições se realizam também se dão em um gradil no qual poderá se verificar a realização de limitados protocolos, sem que alguns pressupostos relevantes para estes ocorram, como por exemplo, acesso à mídia e debate entre candidatos, havendo até mesmo violência direta contra candidatos da oposição. E sublinho que a **Freedom House** dá um peso maior para os direitos civis na elaboração de sua classificação e pontuação (*vide anexo I*).

Afinal de contas são **dois** contra **um**. Explico melhor: para a **V-DEM**, **AE** é realmente regime autoritário, tendo como exemplo a *Venezuela*. Esse vizinho do *Brasil* realiza eleições (**AE**), mas não é democrático e, portanto, para a **Freedom House** a *Venezuela* é **SL**. E quando a **V-DEM** atribui a classificação **DE**, é porque se trata de um regime democrático, com imperfeições; é o caso do *Brasil* onde as eleições são confiáveis, há efetiva disputa além de outros aspectos do regime que dão sustentação para enquadrá-lo como democrático, mas ainda assim fica aquém em relação aos que se encontram na *Democracia Liberal* (**DL**)²⁷.

No caso de listar pela **V-DEM** apenas os países com **AE** (53) haverá pela **Freedom House** 27 desses como sendo **SL** e 26 que são **PL**. Assim, posso afirmar que não há efetivo conflito, pois o gradil conceitual da Freedom House é mais amplo, ou um pouco menos exigente. No entanto, como já havia explicado no início, a V-DEM atende de forma ainda mais contundente e com maior nuance a questão da democracia e de seus “*disfarces*” se assim posso me referir aos regimes autoritários que realizam eleições para obter legitimidade doméstica e, sobretudo, internacional encontrem estes ambiente de asfixia quase integral de liberdades ou alguma liberdade.

²⁶ - No relatório da V-DEM, o Kwait (também grafado como *Quait* e *Coveit*) está passando por algumas mudanças que lhe dão o sinal positivo, o qual pode ser traduzido como de suavização ou mesmo melhora.

²⁷ Mas de saída há pequena questão metodológica que deve ser explicitada, ou seja, o número de países e/ou regiões trabalhados é distinto como já registrei atrás. Todavia ao se eliminar os poucos países e regiões que foram objeto de avaliação em um ou outro, há elevadíssima congruência.

Já no **terceiro** critério da **V-DEM** que encontrou **56** países como *Democracia Eleitoral (DE)*, a **Freedom House** os classificou como *Parcialmente Livre (PL)* – **25**; e *Livre (L)* – **31**, a correspondência parece bem mais nítida. E, finalmente, no **quarto** critério da V-DEM, dos países classificados como *Democracia Liberal (DL)*, estes alcançaram **32** nações, todas estas classificadas como **L** pela Freedom House.

Ora, o aparente desencontro na classificação intermediária da **V-DEM** com a da **Freedom House**, pois nesta última também ocorreu classificação extrema negativa **SL** (quando poder-se-ia imaginar somente **PL**), se torna menos confusa (ou menos conflitante) quando se leva em conta as pontuações dos países, uma vez que em cada classificação destas entidades há um conjunto de scores. Na classificação da V-DEM, o limite entre a classificação *Autocracia Eleitoral (AE)* e *Democracia Eleitoral (DE)* está situado respectivamente em **0,41** (*Albânia, Montenegro e Sri Lanka*) e **0,42** (*Quênia*), sendo que todos estes para a Freedom House estão inseridos na classificação *Parcialmente Livre (PL)*, com pontuações próprias que vão de **52** a **67**.

Na **Freedom House** o limite entre as nações enquadradas como *Sem Liberdade (SL)* e *Parcialmente Livre (PL)* encontra-se respectivamente em **35** (*Uganda*) e **36** (*Mauritânia e Tanzânia*), as quais encontrarão na classificação e pontuação da V-DEM a condição de **AE** com pontuações que vão de **0,17** (*Mauritânia*) a **0,36** (*Tanzânia*). Na mesma Freedom House o limite entre a **PL** e **L** acaba sendo borrado no tocante aos números, porque no limite inferior do **L** está em **66** (*Lesoto*), ou seja, abaixo do limite superior do **PL**, e as **duas** nações que obtém classificação acima já passam para a pontuação **70** (*Colômbia e Equador*). E entre estes **dois** números, há o de **68** que é **PL** onde estão inseridos **três** países (*Macedônia do Norte, Republicana Dominicana e Senegal*), os quais se enquadram como **DE** na V-DEM²⁸.

Últimas palavras antes de encerrar

Várias questões interessantes percorreram este artigo e o estudo que o embasou. Quando me detive no comércio internacional foi possível constatar uma correspondência de razoável para boa entre nações mais bem colocadas neste campo e aquelas que são as parceiras mais importantes para o *Brasil*. Ainda nesse campo, pude verificar que a despeito do Brasil ser um país tido somente como grande vendedor de *bens primários* (comodites), também dispõe de expressiva participação em outras mercadorias; tem diversidade, mas seguramente precisa aumentar muito a das demais, especialmente dos *manufaturados* (industriais). Também chama muito a atenção desigualdades entre se trabalhar somente com dados absolutos monetários e os proporcionais, seja os que levam em conta no divisor o número de países situados em

²⁸ Caso o leitor esteja imaginando que se tratou de alguma distração de minha parte, adianto que não. Efetivamente há tais discrepâncias, que não estão integralmente claras no relatório e na metodologia, mas que parecem sustentáveis na medida em que os membros da Freedom House fazem várias revisões e consideram certos aspectos que não passam integralmente pelas pontuações. De qualquer forma, senti confiança em todo o procedimento empregado pela instituição.

determinado critério ou de população. Ainda que o mais indicado seja operar com os dois, estou convencido de que os proporcionais oferecem mais em termos analíticos.

E estas constatações do comércio internacional do Brasil se tornaram ainda mais instigantes na medida em que levei em consideração os regimes políticos dos seus parceiros. Nesse caso também ficou claro que o Brasil precisa robustecer muito seu regime democrático, embora não tenha se saído de todo mal. Como mostrei ao longo do artigo, mesmo no âmbito da América do Sul o País não é considerado a democracia mais forte. Com o novo governo do presidente Lula (e por que não dizer também velho em muito de suas práticas), e pelo que já vem se delineando no primeiro semestre de 2023, em vários campos, mas especialmente no da política externa, é preocupante a dita opção pela “*neutralidade*” no conflito desencadeado pela Guerra entre *Rússia* e *Ucrânia*, bem como ao claro tratamento dado às ditaduras de esquerda como se fossem também democracias, insistindo em uma concepção multipolar do mundo que não tem guarida nos fatos atuais e no que se consolidou claramente com a resposta da OTAN à invasão russa, entre outros fatores que não foram objeto central desse artigo²⁹.

Por um lado, não se pode dizer que comércio internacional e regime político falem a mesma língua, mas é reconfortante saber que em termos absolutos o comércio internacional do Brasil com países de regimes democráticos é (ou foi em 2022) superior aos demais (veja nos anexos os gráficos de 1 a 2.1), ficando ligeiramente atrás dos regimes *autocráticos fechados* (AFs). Porém, é ainda mais reconfortante (sem querer fugir da realidade) que os regimes democráticos se saem melhor no valor proporcional. Caso isso permita se observar em um espaço de tempo maior (retrospectivamente e para frente), será muito bom.

Finalmente, torço para ter sido claro na abertura do artigo e no seu desenvolvimento segundo o qual meu objetivo seria o de esclarecer aspectos relacionados a estas duas dimensões tão importantes (comércio exterior e regimes políticos) e complicadas, mas sem ter a pretensão de demonstrar uma possível relação de causalidade. Espero, igualmente, ter apresentado alguns indicadores que ajudem a pensar se bons resultados no médio e longo prazo do comércio exterior passam pela maior e melhor relação com países que vivem sob regimes democráticos. Eu espero que sim.

***RUI TAVARES MALUF.** Pesquisador, consultor e professor universitário. Ex-professor da Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo – Escola de Humanidades (2005-2022), das Faculdades Campos Salles (2001-2011) e de outras instituições de ensino superior. Fundador e editor da consultoria e do site *Processo & Decisão*. Doutor em ciência política (USP). Mestre em ciência política (UNICAMP). Autor dos livros *Amadores, Passageiros e Profissionais* (2011) e *Prefeitos na Mira* (2001), ambos pela editora Biruta. Autor de inúmeros artigos sobre política municipal, nacional e internacional do Brasil em relação aos países da América do Sul.

²⁹ - Novamente me valho e reitero a importância do artigo de Sola e Viola, o qual menciono na nota 4.

Fontes de informação e outras referências

ENCICLOPEDIA BRITANNICA. <https://www.britannica.com/money/topic/commodity-trade>

FREEDOM HOUSE. Disponível em: <https://freedomhouse.org/countries/freedom-world/scores>

INDEC. Instituto Nacional de Estadísticas y Censos. República Argentina. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/>

MALUF, Rui Tavares. *As Exportações do Brasil e as 27 Unidades da Federação*. São Paulo, Março de 2022. Disponível em: http://www.processoedecisao.com.br/Artigos/ART-Com_Ext_e_as_UFs_no_BR_em_2022.pdf

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Estatísticas do Comércio Exterior do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-externo/pt-br/assuntos/comercio-externo/estatisticas>

NATIONAL STATISTICS – Republic of China. Disponível em: <https://eng.stat.gov.tw>

NORAD. Norwegian Agency for Development Cooperation. Evaluation on Transparency International. Disponível em: <https://www.oecd.org/derec/norway/47447924.pdf>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC), sigla em inglês WTC. Disponível em: <https://www.wto.org/english>

SOLA, Lourdes e VIOLA, Eduardo. *Fundamental convergência com as democracias*. In O Estado de São Paulo, sábado, 27 de maio de 2023. Página A-4.

WORLD JUSTICE PROJECT. Disponível em: <https://worldjusticeproject.org>

V-DEM. VARIETIES OF DEMOCRACY. Disponível em: <https://www.v-dem.net/>

Anexos

Anexo 1			
<i>Regimes Políticos dos Parceiros do Brasil no Comércio Internacional, com base no ano de 2022, considerando as métricas da V-DEM e da FREEDOM HOUSE</i>			
V-DEM	Frequência V-D	Frequência F-H	FREEDOM HOUSE
Autocracia Fechada (AF)	30	27	Sem Liberdade (SL)
		02	Parcialmente Livre (PL)
Autocracia Eleitoral (AE)	54	28	Sem Liberdade (SL)
		26	Parcialmente Livre (PL)
Democracia Eleitoral (DE)	56	25	Livre (L)
		31	
Democracia Liberal (DL)	32	32	
TOTAL	172	171	TOTAL
Observação: Ewastini (Ex-Suazilândia, na África), não foi avaliado pela Freedom House e por isso a relação entre AF e PL não coincide no sub total (30 e 29).			

Anexo 2				
<i>Exportações do Brasil em 2022 em US\$ FOB para 172 países, considerando os quatro tipos de regimes políticos estipulados pela organização V-DEM, bem como o número de países em cada tipo de regime, bem como o percentual dos dólares no total e ainda a média de dólares por país no tipo de regime</i>				
REGIME	US\$	PAÍSES	US\$ DO ABSOLUTO EM %	US\$ POR PAÍS
Autocracia Fechada	114.277.825.603	30	34,4	3.809.260.853
Autocracia Eleitoral	40.856.356.659	54	12,3	756.599.197
Democracia Eleitoral	59.996.838.241	56	18,1	1.071.372.111
Democracia Liberal	116.834.594.823	32	35,2	3.651.081.088
TOTAL	331.965.615.326	172	100	1.930.032.647
Observação: 10 pequenos países não foram classificados pela organização, os quais reúnem população total de 1.732.055. Foram estes: Andorra, Antigua e Barbuda, Bahamas, Belize, Brunei, Dominica, Granada, Lichenstein, Monaco e San Marino. De minha parte exclui Palestina, e a região de Hong Kong.				

Anexo 2.1				
<i>Importações do Brasil em 2022 em US\$ FOB para 172 países, considerando os quatro tipos de regimes políticos estipulados pela organização V-DEM, bem como o número de países em cada tipo de regime, bem como o percentual dos dólares no total e ainda a média de dólares por país no tipo de regime</i>				
REGIME	US\$	PAÍSES	US\$ ABS % TT	US\$ EM %
Autocracia Fechada	79.993.338.954	30	29,44	2.666.444.632
Autocracia Eleitoral	28.369.672.217	54	10,44	525.364.300
Democracia Eleitoral	41.047.433.394	56	15,11	732.989.882
Democracia Liberal	122.281.799.016	32	45,01	3.821.306.219
TOTAL	271.692.243.581	172	100	1.579.606.067
Observação: 10 pequenos países não foram classificados pela organização, os quais reúnem população total de 1.732.055. Foram estes: Andorra, Antigua e Barbuda, Bahamas, Belize, Brunei, Dominica, Granada, Lichenstein, Monaco e San Marino. De minha parte exclui Palestina, e a região de Hong Kong.				

Anexo 3

Posição dos Países da América do Sul no Continente e no Mundo no Comércio Exterior do Brasil em cada um dos três campos, participação percentual mundial para o Brasil no ano de 2022

(organizado segundo a posição crescente nas exportações)

PAIS	EXP A.S.	GERAL	%	IMP A.S.	GERAL	%	C.C. A.S.	C.C. GERAL	%
Argentina	1°	3°	4,6	1°	3°	4,9	1°	3°	4,7
Chile	2°	6°	2,7	2°	14°	1,7	2°	7°	2,3
Colômbia	3°	14°	1,5	4°	24°	0,9	3°	19°	1,2
Paraguai	4°	23°	1,1	3°	16°	1,4	4°	20°	1,2
Peru	5°	25°	1,0	7°	34°	0,5	5°	28°	0,8
Uruguai	6°	30°	0,9	5°	31°	0,7	6°	30°	0,8
Bolívia	7°	36°	0,6	6°	32°	0,7	7°	34°	0,6
Venezuela	8°	42°	0,4	8°	56°	0,1	8°	48°	0,3
Equador	9°	44°	0,3	10°	72°	0	9°	55°	0,2
Guiana	10°	82°	0,1	9°	52°	0	10°	60°	0,1
Suriname	11°	115°	0	11°	151°	0	11°	120°	0
SUBTOTAL			13,2			10,4			15,2

Observações: 1) coloquei posições diferentes para percentuais idênticos, pois estabeleci os lugares de cada um a partir dos valores absolutos que não estou aqui apresentando; 2) a depender da fonte utilizada das estatísticas brasileiras de comércio exterior poderá haver discrepâncias nos valores, podendo mudar ligeiramente a participação percentual e posição de algum membro, mas não afeta o que aqui se pretende

Anexo 4

Posições dos dez principais países com os quais o Brasil teve mais comércio exterior em 2022, sob os critérios das exportações, importações e corrente de comércio, considerando os percentuais nos valores totais comercializados no referido ano

(organizado a partir dos dez primeiros nas exportações)

PAÍS	EXP	% EXP	IMP	% IMP	C.C	% C.C
China	1°	27,4	1°	23,9	1°	25,4
EUA	2°	11,3	2°	19,1	2°	14,8
Argentina	3°	4,6	3°	4,9	3°	4,7
Países Baixos	4°	3,6			6°	2,4
Espanha	5°	2,9			8°	2,3
Chile	6°	2,7			7°	2,4
Singapura	7°	2,5				
México	8°	2,1			9°	2,1
Japão	9°	2,0	10°	2,0	10°	2,0
Índia	10°	1,9	5°	3,3	5°	2,5
Alemanha			4°	4,8	4°	3,2
Rússia			6°	2,9		
Itália			7°	2,1		
Coreia do Sul			8°	2,0		
Arábia Saudita			9°	2,0		
SUBTOTAL		61		67		62

Observações: 1) coloquei posições diferentes para percentuais idênticos, pois estabeleci os lugares de cada um a partir dos valores absolutos que não estou aqui apresentando; 2) a depender da fonte utilizada das estatísticas brasileiras de comércio exterior poderá haver discrepâncias nos valores, podendo mudar ligeiramente a participação percentual e posição de algum membro, mas não afeta o que aqui se pretende

Anexo 5		
<i>Distribuição percentual dos três principais produtos das Exportações e das Importações dos Países da América do Sul</i>		
(Ano de 2021)		
PAÍS	EXPORTAÇÕES	IMPORTAÇÕES
Argentina	1-Produtos Agrícolas (65,8%); 2-Manufaturas (14,4%); 3-Combustíveis e produtos minerais (2,9%)	1-Manufaturas (80,1%); 2-Produtos Agrícolas (9,8%); 3-Combustíveis e produtos minerais (9%)
Bolívia	1-Combustíveis e produtos minerais (55,7%); 2-Produtos Agrícolas (20,9%); 3-Manufaturas (6,1%)	1-Manufaturas (74,2%); 2-Combustíveis e produtos minerais (14,1%); 3-Produtos Agrícolas (11,6%)
Brasil	1-Produtos Agrícolas (44,4%); 2-Combustíveis e produtos minerais (27,9%); 3-Manufaturas (24,8%)	1-Manufaturas (79,2%); 2-Combustíveis e produtos minerais (13,4%); 3-Produtos Agrícolas (7,3%)
Chile	1-Combustíveis e produtos minerais (57,8%); 2-Produtos Agrícolas (29,3%); 3-Manufaturas (11,7%)	1-Manufaturas (72,6%); 2-Combustíveis e produtos minerais (14,2%); 3-Produtos Agrícolas (13,2%)
Colômbia	1-Combustíveis e produtos minerais (42,9%); 2-Produtos Agrícolas (25,4%); 3-Manufaturas (22,4%)	1-Manufaturas (76,1%); 2-Produtos Agrícolas (16,1%); 3-Combustíveis e produtos minerais (6,8%)
Equador	1-Produtos Agrícolas (62,2%); 2-Combustíveis e produtos minerais (29,7%); 3-Manufaturas (6,1%)	1-Manufaturas (67,4%); 2-Combustíveis e produtos minerais (16,7%); 3-Produtos Agrícolas (14,1%)
Guiana	1-Combustíveis e produtos minerais (46,2%); 2-Manufaturas (22,9%); 3-Produtos Agrícolas (16%)	1-Combustíveis e produtos minerais (20%); 2-Manufaturas (22,9%); 3-Produtos Agrícolas (16%)
Paraguai	1-Produtos Agrícolas (66,4%); 2-Combustíveis e produtos minerais (21%); 3-Manufaturas (12,4%)	1-Manufaturas (76,4%); 2-Combustíveis e produtos minerais (13,7%); 3-Produtos Agrícolas (9,8%)
Peru	1-Combustíveis e produtos minerais (43,2%); 2-Produtos Agrícolas (24,5%); 3-Manufaturas (8,5%)	1-Manufaturas (74,3%); 2-Produtos Agrícolas (15,2%); 3-Combustíveis e produtos minerais (10,2%)
Suriname	1-Produtos Agrícolas (10,8%); 2-Combustíveis e produtos minerais (1,4%); 3-Manufaturas (1,3%)	1-Manufaturas (65,6%); 2-Produtos Agrícolas (14,4%); 3-Combustíveis e produtos minerais (10,7%)
Uruguai	1-Produtos Agrícolas (81,3%); 2-Manufaturas (17%); 3-Combustíveis e produtos minerais (1,6%)	1-Manufaturas (70,1%); 2-Produtos Agrícolas (17,4%); 3-Combustíveis e produtos minerais (12,5%)
Venezuela	1-Combustíveis e produtos minerais (77,3%); 2-Manufaturas (6,9%); 3-Produtos Agrícolas (0,6%)	1-Manufaturas (49,1%); 2-Produtos Agrícolas (28%); 3-Combustíveis e produtos minerais (14,3%)

Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC). Estatísticas. Acessado em junho de 2023.
 Observações do autor: 1) tabela feita pelo autor; 2) a utilização dos dados de 2021 se deve a que os de 2022 se limitaram somente aos valores totais exportados e importados por cada país; 3) o autor escolheu apenas países individualmente seja como destino (exportação) seja como origem (importação), descartando os blocos a alianças comerciais.

Anexo 5.1

COMÉRCIO EXTERIOR da China, EUA e Brasil, segundo principais destinos (exportações) de nações individualmente, distribuição dos bens exportados em percentuais, principais origem dos bens importados em nações individualmente e distribuição percentual das mercadorias importadas

(ANO DE 2021)

PAIS	DESTINOS	DISTRIBUIÇÃO DOS BENS EXPORTADOS	ORIGEM	DISTRIBUIÇÃO DOS IMPORTADOS
CHINA	EUA (17,2%), Japão (4,9%), Coréia do Sul (4,4%)	Manufaturas (93,5%), Agrícolas (3%), Combustíveis e minérios (2,4%), Outros (1,1%)	Coréia do Sul (8%), Japão (7,7%), EUA (6,7%)	Manufaturas (62,7%), Combustíveis e produtos minerais (25,7%), Agrícolas (10,5%), Outros (1,2%)
EUA	Canadá (17,5%), México (15,8%), China (8,6%)	Manufaturados (63,9%), Combustíveis e produtos minerais (14,1%), Agrícolas (11,9%), Outros (10,1%)	China (18,5%), México (13,2%), Canadá (12,4%)	Manufaturas (78,6%), Agrícolas (7,7%), Combustíveis e minerais (7,7%), Outros (6%)
Brasil	China (31,3%), EUA (11,2%), Argentina (4,2%)	Agrícolas (44,4%), Combustíveis e produtos minerais (27,9%), Manufaturados (24,8%), Outros (2,8%)	China (22,8%), EUA (17,7%), Argentina (5,3%)	Manufaturas (79,2%), Combustíveis e produtos minerais (13,4%), Agrícolas (7,3%), Outros (0,1%)

Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC). Estatísticas. Acessado em junho de 2022.
Observação: tabela construída pelo autor

Anexo 5.2

Frequência de Exportações e Importações entre os países da América do Sul, considerando os três principais destinos (exportações) e as três principais origens (importações)

(Ano de 2021)

PAÍS	EXPORTAÇÕES PARA	IMPORTAÇÕES DA
Argentina	4	4
Bolívia	0	0
Brasil	5	7
Chile	1	0
Colômbia	1	1
Equador	0	0
Guiana	0	0
Paraguai	0	0
Peru	0	0
Suriname	0	0
Uruguai	0	0
Venezuela	0	0

Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC). Estatísticas. Acessado em junho de 2023.
Observação: tabela feita pelo autor.

Anexo 5.3		
Três principais países com os quais as nações sul americanas mais comercializam, considerando os percentuais do total de dólares FOB (Ano de 2021)		
PAÍS	EXPORTAÇÕES	IMPORTAÇÕES
Argentina	1-Brasil (15,1%); 2-China (7,9%); 3-EUA (6,4%)	1-China (21,4%); 2-Brasil (19,6%); 3-EUA (9,4%)
Bolívia	1-Índia (16,7%); 2-Brasil (13,1%); 3-Argentina (9,4%)	1-China (20,5%); 2-Brasil (17,7%); 3-Argentina (13,2%)
Brasil	1-China (31,3%); 2-EUA (11,2%); 3-Argentina (4,2%)	1- China (22,8%); 2- EUA (17,7%) 3-Argentina (5,3%)
Chile	1-China (38,8%); 2-EUA (15,8%); 3-Japão (7,7%)	1-China (29,9%); 2-EUA (17,4%); 3-Brasil (8,4%)
Colômbia	1-EUA (28,1%); 2-China (8,8%); 3-Panamá (5,8%)	1-China (24,2%); 2-EUA (23,2%); 3-México (6,2%)
Equador	1-EUA (24%); 2-China (15,3%); 3-Panamá (14,9%)	1-China (23,5%); 2-EUA (22,1%); 3-Colômbia (7%)
Guiana	1-EUA (42%); 2-Singapura (16,5%); 3-Emirados Árabes Unidos e Reino Unido (6,9% cada)	1-Singapura (40,1%); 2-EUA (19,8%); 3-Trinidad e Tobago (8%)
Paraguai	1-Brasil (33,6%); 2-Argentina (25%); 3-Chile (9,5%)	1-China (30%); 2-Brasil (23,7%); 3-Argentina (9,5%)
Peru	1-China (28,3%); 2-EUA (16,1%); 3-Canadá (6,2%)	1-China (28,6%); 2-EUA (18,5%); 3-Brasil (5,5%)
Suriname	1-Emirados Árabes Unidos (39,5%); 2- Suíça (23,4%); 3) Trinidad e Tobago (5,1%)	1-EUA (24,6%); 2-Trinidad e Tobago (12,8%); 3- China (9,4%)
Uruguai	1-China (20,3%); 2-Brasil (15,4%); 3-EUA (7,7%)	1-Brasil (21,1%); 2-China (19%); 3-Argentina (4,4%)
Venezuela	1-EUA (0,6%); 2-China e Colômbia (0,3% cada); 3-Brasil (0,2%)	1-EUA (23,3%); 2-China (17%); 3-Brasil (10%)

FONTE: OMC. Perfil de Comércio de 2021. Observações: 1) a utilização dos dados de 2021 se deve a que os de 2022 se limitaram somente aos valores totais exportados e importados por cada país; 2) escolhi apenas países individualmente seja como destino (exportação) seja como origem (importação), descartando os blocos a alianças comerciais.

Anexo 6						
<i>Exportações e Importações em Milhões de Dólares (US\$) dos países que compõe o BRICS, percentuais dos mesmos no total de cada um e posições no total das exportações e importações frente a todos os países relacionados pela Organização Mundial do Comércio (OMC)</i>						
(Ano de 2022)						
PAÍS	EXPO	% TOTAL EXPO	POSIÇÃO EXPO	IMPO	% TOTAL IMPO	POSIÇÃO IMPO
África do Sul	122.901	0,49	37°	136.208	0,53	36°
Brasil	334.136	1,34	24°	292.245	1,14	26°
China	3.593.601	14,43	1°	2.715.999	10,60	2°
Índia	453.481	1,82	16°	723.348	2,82	9°
Rússia	531.887	2,14	13°	240.391	0,94	27°
BRICS	5.036.006	20,22		4.108.191	16,03	
TOTAL PAÍSES	24.904.489	100			25.621.162	100

Observação: dados da OMC, os quais divergem ligeiramente das estatísticas brasileiras devido aos critérios empregados, bem como aos momentos em que são disponibilizados. Tabela organizada pelo autor

Anexo 6.1						
<i>Exportações e Importações do Brasil em US\$ 1 em relação aos países que integram o BRICS, considerando o percentual do total, e a posição para cada um no comércio exterior brasileiro</i>						
(Ano de 2022)						
PAÍS	EXPO	% EXPO TOTAL	POSIÇÃO EXPO	IMPO	% IMPO TOTAL	POSIÇÃO IMPO
África do Sul	1.724.159.853	0,52	37°	807.881.966	0,30	47°
China	90.771.405.831	27,30	1°	61.572.149.057	22,66	1°
Índia	6.301.513.662	1,90	10°	8.850.184.730	3,26	5°
Rússia	1.959.195.743	0,59	33°	7.853.002.061	2,89	6°
SUBTOTAL	100.756.275.089	30,31		79.083.217.814	29,10	
TOTAL	332.435.453.636	100		271.728.215.027	100	

Fonte: Estatísticas do Comércio Exterior Brasileiro, dados organizados pelo autor

Anexo 6.2				
<i>Exportações e Importações do Brasil em US\$ per capita (população do país parceiro) em relação aos países que integram o BRICS, considerando a posição de cada um na relação total das nações com as quais o Brasil realizou comércio exterior</i>				
(Ano de 2022)				
PAÍS	EXPO	POSIÇÃO	IMPO	POSIÇÃO
África do Sul	29,0	84°	13,6	73°
China	63,9	54°	43,3	51°
Índia	4,5	128°	6,3	83°
Rússia	13,7	104°	54,7	44°
MÉDIA DOS 4	27,8		29,5	
MÉDIA DOS PAÍSES	95,8		55,2	

Fonte: Estatísticas do Comércio Exterior Brasileiro, dados organizados pelo autor

ANEXO 7

PAÍSES DEMOCRÁTICOS SEGUNDO AS CLASSIFICAÇÕES DA V-DEM E DA FREEDOM HOUSE, COM RESPECTIVAS PONTUAÇÕES OBTIDAS NO ANO DE 2022, E AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PER CAPITA EM US\$ NO MESMO ANO

PAÍS	V-DEM	FREEDOM HOUSE	US\$ PER CAPITA EXPORTAÇÕES
URUGUAI	72	96	846,51
ISLÂNDIA	73	94	728,62
PAÍSES BAIXOS	80	97	680,31
CHILE	76	94	466,54
BÉLGICA	83	96	377,45
NORUEGA	86	100	250,76
ESPANHA	79	90	205,58
ISRAEL	65	77	201,14
SUIÇA	85	96	135,92
LUXEMBURGO	79	97	123,89
BARBADOS	67	94	122,81
COREIA DO SUL	73	83	119,93
FINLÂNDIA	82	100	114,86
ESTADOS UNIDOS	74	83	112,80
COSTA RICA	82	91	105,68
SEICHELES	67	79	98,12
ITÁLIA	77	90	82,76
CHIPRE	64	92	81,98
DINAMARCA	89	97	81,76
SUÉCIA	87	100	75,93
ALEMANHA	81	94	75,36
LETONIA	74	88	71,23
TAIWAN	73	94	59,71
IRLANDA	82	97	59,25
REINO UNIDO	78	93	54,50
JAPAO	73	96	52,67
FRANÇA (Inclui Guiana Francesa)	80	89	51,57
ESTONIA	85	94	30,50
AUSTRÁLIA	81	95	28,53
NOVA ZELÂNDIA	83	99	22,83
ESOLVÁQUIA	77	90	6,27
REPÚBLICA TCHECA (CHEQUIA)	79	92	4,76

Anexo 8

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (O.M.C) DIVISÃO DOS BENS QUE COMPÕEM AS ESTATÍSTICAS DO COMÉRCIO EXTERIOR

SI3_AGG - TO - Total merchandise
SI3_AGG - AG - Agricultural products
SI3_AGG - AGFO - Food
SI3_AGG - MI - Fuels and mining products
SI3_AGG - MIFU - Fuels
SI3_AGG - MA - Manufactures
SI3_AGG - MAIS - Iron and steel
SI3_AGG - MACH - Chemicals
SI3_AGG - MACHPH - Pharmaceuticals
SI3_AGG - MAMT - Machinery and transport equipment
SI3_AGG - MAMTOF - Office and telecom equipment
SI3_AGG - MAMTOTEP - Electronic data processing and office equipment
SI3_AGG - MAMTOTTL - Telecommunications equipment
SI3_AGG - MAMTOTIC - Integrated circuits and electronic components
SI3_AGG - MAMTTE - Transport equipment
SI3_AGG - MAMTAU - Automotive products
SI3_AGG - MATE - Textiles
SI3_AGG - MACL - Clothing

Gráfico 1

Média da **Corrente de Comércio** Per Capita em US\$ do Brasil com 172 Países, segundo os regimes políticos de acordo com a **V-DEM** (Ano de 2022)

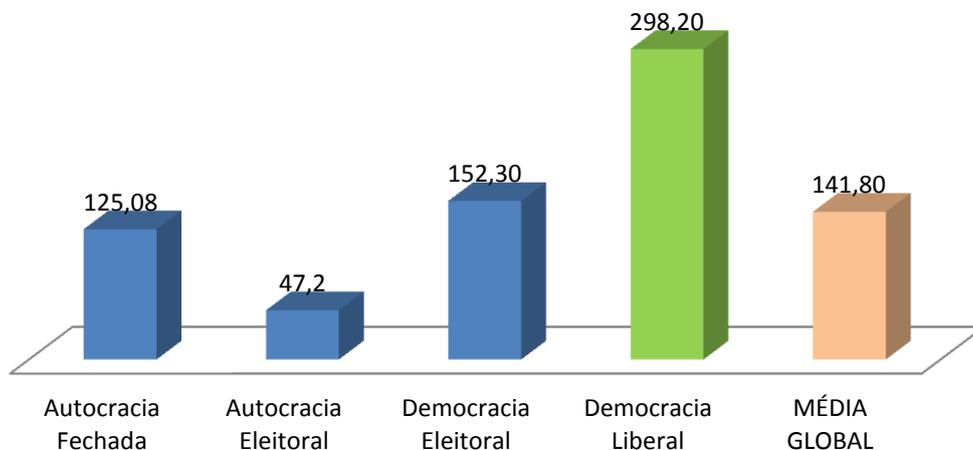


Gráfico 1.1
Média da *Corrente de Comércio* do Brasil, em US\$, no ano de 2022, com 182 países, segundo a classificação dada pela *Freedom House*

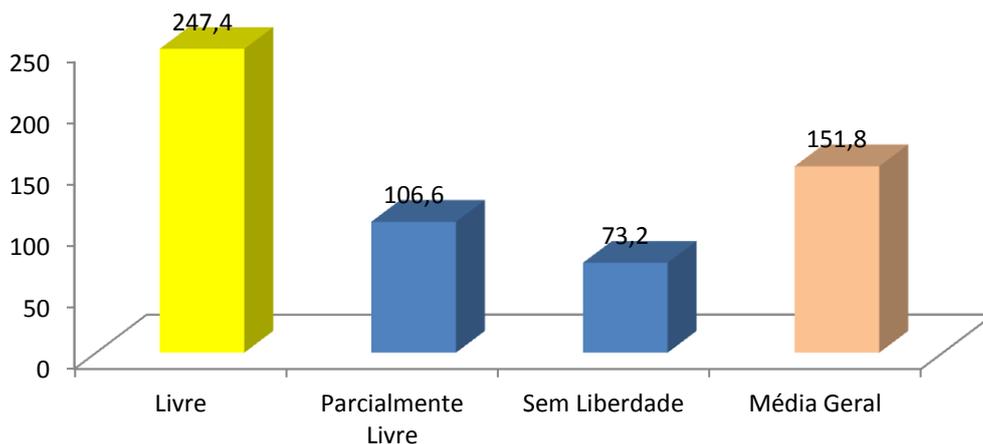


Gráfico 2. Média das *Exportações* do Brasil com 172 países em 2022 em US\$, segundo a classificação dos regimes políticos pela *V-DEM*

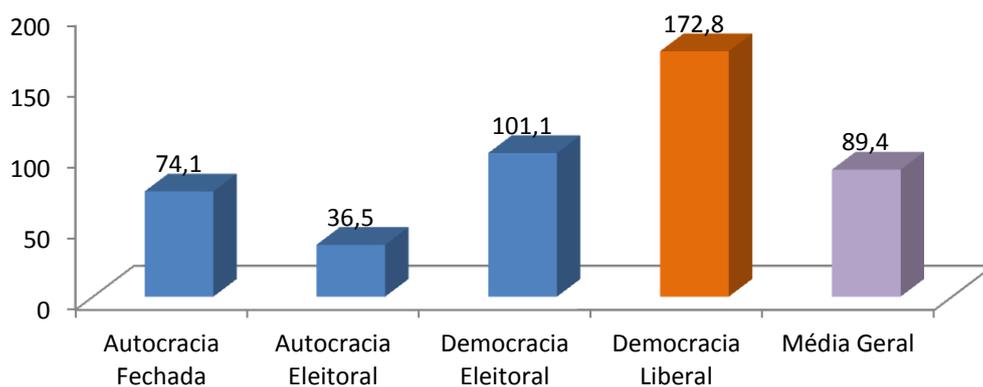


Gráfico 2.1. Média das *Exportações* do Brasil para 182 países, em 2022, em US\$, segundo a classificação do regime dada pela *Freedom House*

